

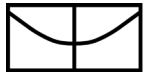


Instituto de Artes
Departamento de Desenho Industrial

Thales Fernando Alvarez Borges
09/0133412

SOBRE O INFINITO E OUTRAS COISAS
estudo expográfico

Brasília, 2015



UnB

Instituto de Artes
Departamento de Desenho Industrial

Thales Fernando Alvarez Borges
09/0133412

SOBRE O INFINITO E OUTRAS COISAS
estudo expográfico

Relatório apresentado ao Departamento de Desenho Industrial da Universidade de Brasília como trabalho realizado ao longo da Diplomação em Programação Visual, sob orientação do Prof. Rogério Camara

Brasília, 2015

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha mãe, a mulher mais batalhadora que conheço e que desde sempre me incentivou a lutar nessa vida e acreditar no próprio sonho, muito obrigado. Meu pai por me mostrar que a vida é leve e podemos tirar proveito de uma forma positiva de todas situações.

A minha tia, Vera Cíntia, que sempre esteve presente no meu envolvimento com a arte.

A Gabriela, minha companheira de todas as horas, pelo carinho, pelas viagens e por todas aventuras que ainda virão.

A Debsinha, obrigado por fazer parte de toda essa jornada, e por todos os momentos mágicos divididos.

Ao meu orientador Rogério Camara, por acreditar nas minhas ideias e me mostrar como apresentá-las.

Aos amigos e companheiros da UnB que enfrentaram juntos essa jornada.

À equipe do Clube Mambe e do Brasília Fab Lab, por estarem sempre presente nessa luta, e compartilharem do mesmo sonho de crescer e fazer o nosso espaço.

RESUMO

Analisa-se neste trabalho o projeto gráfico e expográfico da mostra Sobre o Infinito e outras coisas, exposição individual do artista POMB, realizada no Sesc DF da cidade de Brasília. Para tanto, utiliza-se de estudos teóricos e métodos de exposição. Aborda-se o contexto histórico do movimento do graffiti, sua relevância e influência dentro de museus e galerias de arte, fazendo assim o paralelo entre estes dois temas analisados, expografia e graffiti. E por fim, é discutida a relevância do design gráfico ora protagonista ora coadjuvante na construção e desenvolvimento de uma exposição.

Palavras-chave: expografia, graffiti, design gráfico

ABSTRACT

The following work analyses the graphic project and the exhibit *Sobre o Infinito e outras coisas*, an individual exhibition of the artist POMB, held at Sesc DF in the city of Brasilia. For that purpose, the work disposes of theory studies and methods of exhibitions. The work approaches the historic context of the graffiti movement and its relevance and influence in museums and art galleries, therefore drawing parallels between those two analysed themes: exhibition and graffiti. Lastly, the work discusses the relevance of graphic design as either a protagonist and a secondary element in the construction and development of an exhibition.

key-words: exhibition, graffiti, graphic design.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 1

1.1 OBJETIVOS 4

1.2 REQUISITOS 5

2 REVISÃO TEÓRICA 6

2.1 PANORAMA HISTÓRICO 6

2.2 PINTURAS RUPESTRES 6

2.3 O SURGIMENTO DO GRAFFITI EM NY 7

2.4 O BOOM DO GRAFFITI 9

3 STREET ART X GRAFFITI 10

4 GALERIA X GRAFFITI 11

5 EXPOGRAFIA 13

5.1 RECURSOS EXPOSITIVOS 13

6 DESENVOLVIMENTO 14

6.1 EXPOSIÇÃO SOBRE O INFINITO E OUTRAS COISAS 14

6.2 CONHECENDO O INFINITO 14

6.3 ESPAÇO EXPOSITIVO 15

6.4 MONTAGEM I 18

6.4.1 MONTAGEM II 22

7 ELEMENTOS GRÁFICOS 24

7.1 IDENTIDADE VISUAL 24

7.2 CATÁLOGO 25

7.3 CAMISETA E CARTAZ 26

7.4 POSTAL 27

7.5 DIVULGAÇÃO ONLINE E OFFLINE 28

8. PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DAS OBRAS 30

8.1 OBRAS 34

8.2 VÍDEO 35

CONCLUSÃO 36

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA 38

ANEXOS - CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO 39

Lista de figuras

Figura 1 - Imagem de uma pintura rupestre realizada nas cavernas de Lascaux

Figura 2 - Jornal de 21 de julho de 1971 com matéria de capa sobre Taki 183

Figura 4 - Nova York 1974, foto por Jon Naar

Figura 4 - tag de Basquiat com as inscrições SAMO, em NY

Figura 5 - Street art

Figura 6 - Keith Haring desenhando em estações de metrô de NY - 1983

Figura 7 - Montana Galeria Shop Barcelona, exposição do artista ARYZ

Figura 8 - Espaço Sesc 504 Sul

Figura 9 - Espaço Sesc 504 Sul, obras suspensas por fios de nylon e fixadas em biombos móveis com fita adesiva

Figura 10 - Espaço Sesc 504 Sul, fixação das placas de MDF na parede

Figura 11 - Espaço Sesc 504 Sul, fixação das placas de MDF na parede

Figura 12 - Espaço Sesc 504 Sul, painéis de exposição móveis, contendo as medidas de 2,20x1,60m

Figura 13 - Montagem da Sala do Infinito

Figura 14 - Pintura externa da Sala do Infinito

Figura 15 - Pintura externa finalizada da Sala do Infinito

Figura 16 - Pintura externa finalizada da Sala do Infinito

Figura 17 - Pintura interna finalizada da Sala do Infinito

Figura 18 - Vista aérea do espaço Sesc 504 sul

Figura 19 - Vista planificada do espaço Sesc 504 sul

Figura 20 - Pintura interna da galeria

Figura 21 - Ambientação da galeria

Figura 22 - Lettering da identidade visual

Figura 23 - Catálogo

Figura 24 - Catálogo

Figura 25 - Catálogo

Figura 26 - Estampa criada e aplicada para camiseta

Figura 27 - Cartazes à venda durante a abertura da exposição

Figura 28 - Modelos dos postais desenvolvidos para a exposição

Figura 29 - Compilação de notícias destacando a exposição

Figura 30 - Correrio Braziliense com matéria sobre a exposição

Figura 31 - Entrevista no Bom dia DF, transmitido pela Rede TV Globo

Figura 32 - Processo de desenvolvimento de um trabalho

Figura 33 - Acrílica e marcador sobre corte de madeira Pinus

Figura 34 - Troncos de goiabeira pré e pós produção

Figura 35 - Rascunho de futuras obras

Figura 36 - acrílica sobre troncos de castanheira

Figura 37 - Cortes em MDF e processo de pintura e montagem

Figura 38 - Trabalho finalizado

Figura 39 - série dos troncos de castanheira

Figura 40 - série de 8 pinturas, acrílica sobre madeira Pinus

Figura 41 - série de 3 pinturas, pastel seco e marcador sobre compensado

Figura 42 - Página do facebook onde foi publicado o vídeo

Figura 43 - Fotos de parte do vídeo

1 Introdução

Apresenta-se neste trabalho o desenvolvimento da exposição “Sobre o Infinito e outras coisas”, que resulta da minha experiência como artista e grafiteiro. No referido trabalho serão explicitados os conceitos que nortearam o desenvolvimento e montagem da exposição.

Neste documento, relato um pouco das minhas referências artísticas - origem das minhas inspirações -, além da minha metodologia de trabalho e da simbiose que encontro no Design gráfico e no Graffiti.

No curso de Design, tive contato com metodologias que nos auxiliam na definição de problemas, concepção de produtos e compreensão de aspectos composicionais, lidando com diagramação, escolha tipográfica, ilustração e composição visual.

Minha trajetória, entretanto, vem de muito antes da Universidade, desenho desde que me entendo por gente. Como grande parte das crianças, sempre tive o hábito de rabiscar e criar, meus pais sempre me incentivaram e tive contato próximo com uma tia artista plástica com quem mantive um diálogo constante, o que contribuiu para seguir com o hábito. Em aniversários e datas comemorativas, por exemplo sempre ganhei materiais para produzir meus desenhos.

O envolvimento com o Graffiti aconteceu em 2002. Nessa época, andava de skate e gostava muito de ouvir músicas ligadas ao *rap* e da cultura *Hip-Hop*. Foi quando descobri a pixação, meu primeiro contato com o *spray*. Me parece algo mágico o fato de ter esse tubo recheado de tinta na mão. É automático querer apertar a válvula e colocar alguma frase/desenho na parede. Nessas andanças, nunca perdi o hábito do desenho, foi então que conheci o graffiti: a partir de revistas do meio e de um amigo que também gostava de desenhar e sugeriu que fôssemos ao muro do vizinho pedir permissão para realizar nosso primeiro graffiti. Foi indescritível, poder transpor os desenhos que estavam até então no meu caderno para parede, em uma escala muito maior e realmente foi algo que mudou minha vida.

Ainda em 2002, junto com três amigos, formamos uma *crew*. (“Equipe”, grupo de amigos que habitualmente pintam juntos e representam todos o mesmo nome). É regra geral os *writers* assinarem o seu *tag* e respectiva *crew* (normalmente sigla com 3 ou 4 letras) em cada obra.

O tempo foi passando e o graffiti, algo que se iniciou como hobby, continuou sendo um aliado de finais de semana, já que o melhor dia para se pintar na cidade é domingo, dada a tranquilidade e as ruas vazias da cidade.

Ao entrar na Universidade de Brasília no 2/2009, vi que o curso de Desenho Industrial tinha muito a me oferecer. Permeei, então, em várias partes do design, ora mais focado em ilustração digital, ora mais envolvido com diagramação e tipografia. Foi quando me dei conta que o Design e todo seu processo metodológico de uma forma indireta me auxiliava na execução dos graffitis na rua. Antigamente, não tinha a preocupação clara da paleta de cores, ou de como seria composto o *background* de uma produção no muro, os pesos visuais gerados por cada elemento. Percebi que o design sempre esteve ali como coadjuvante, e isso foi uma revolução, à medida que passei a pesquisar mais sobre as metodologias e aplicá-las no meu trabalho de rua.

Outra coisa que o curso de Desenho Industrial me ensinou foi a auto promoção, como conseguir vender seu produto e atingir pessoas fora do meio da ilustração e do graffiti. Observo que muitos artistas que admiro têm certa dificuldade em se promoverem devido a problemas bastantes simples, como atentar ao cuidado de tirar uma foto de seu trabalho com boa resolução, ou criar e atualizar uma página em alguma rede social.

No decorrer da minha trajetória artística, tive a oportunidade de participar de algumas mostras coletivas e outras individuais. A exposição Sobre o Infinito e outras coisas, objeto de análise do presente estudo, vem a ser minha terceira exposição individual, onde tive mais liberdade para trabalhar no espaço expositivo.

Para realizar a montagem da exposição, não foi utilizada um método específico. Fiz um *brainstorming* com o objetivo de gerar e coletar as ideias com maior potencial para um espaço expositivo. O mesmo aconteceu com a produção das obras, *brainstorming* e pesquisa de referências. Mais adiante será mostrado o processo metodológico de produção das obras.

1.1 Objetivos

Geral

O projeto visa a conceituação e o desenvolvimento da exposição “Sobre o Infinito e outras coisas”, realizada em junho deste ano, a convite do Sesc da 504 Sul.

Específicos

- Propor uma dinâmica distinta de apresentação das obras em relação ao meu trabalho realizado nas ruas, estabelecendo outra relação do expectador diante das obras.
- Compreender as particularidades de uma expografia.
- Desenvolver as obras a partir da reutilização de materiais encontrados na rua.

1.2 Requisitos

- Espaço do Sesc 504 Sul
- Espaço de interação do público
- Limitação espacial
- Material:
 - _Somente suporte de madeira
 - _Materiais reaproveitados, encontrados na rua

2 Revisão teórica

2.1 Panorama histórico

Se buscarmos no dicionário a palavra grafite – em português – ou *graffiti* – em inglês – encontramos seu significado definido por: “palavras, frases ou desenhos escritos em muros e paredes como mensagens, contestação ou simplesmente de caráter obsceno”. A definição, porém, está longe de contemplar o que representa, hoje em dia, o graffiti, considerado uma das artes mais valorizadas e em voga do mundo, inclusive de mercado, da arte contemporânea.

2.2 Pinturas Rupestres

Se nos atermos à definição oficial, podemos afirmar que o *graffiti* já se manifesta há mais de 30.000 a.C, por meio de pinturas rupestres pré-históricas, feitas em paredes de cavernas, como é o caso das cavernas de Lascaux, no sul da França (figura1). E qual é a relação entre os adeptos do rabisco pré-histórico e os grafiteiros da atualidade? Acredito que seja a apropriação do espaço público e a necessidade de expressar sentimentos e pensamentos com as pessoas envolvidas em seu cotidiano. Nas pinturas rupestres também se observa a utilização de códigos e alfabetos que só aqueles que vivem em seu meio de vida e cultura específico podem compartilhar de seu sentido.



Figura 1 - Imagem de uma pintura rupestre realizada nas cavernas de Lascaux

2.3 O surgimento do graffiti moderno em NY

O graffiti atual começou a se desenvolver no final da década de 60, em Nova York e na Filadélfia, onde artistas como Taki183, Julio 204, Cat 161 e Cornbread pintavam seus nomes em muros e nas estações de metrô aos arredores de Manhattan.

Taki era o apelido de Demetrius, um jovem grego que trabalhava como entregador em Manhattan, e 183 era a rua em que morava. O fato de ser entregador na época, fazia com que ele visitasse todos os pontos de Nova York, e, munido de um marcador, ia espalhando seu *tag* nas estações de metrô e nas ruas da cidade, despertando assim tanto curiosidade, como ira na sociedade local, tanto que em 1971 o jornal *The New York Times* publicou uma matéria sobre o precursor, cujo título era “Taki 183’ Spawns Pen Pals” (em tradução livre, ‘Taki 183 se dissemina em Pen Pals’).



Figura 2 - Jornal de 21 de julho de 1971 com matéria de capa sobre Taki 183

O conteúdo dessas inscrições pela cidade quase sempre faziam alusão ao bairro onde moravam e ao próprio nome ou apelido, tendo como objetivo alastrar o quanto fosse possível esse nome, começando por seus bairros de origem e, a partir dos transportes públicos, chegando aos grandes centros urbanos - lugares ocupados por uma população mais rica - gerando, então, curiosidade e indignação com as marcas atípicas e destoantes da paisagem original.

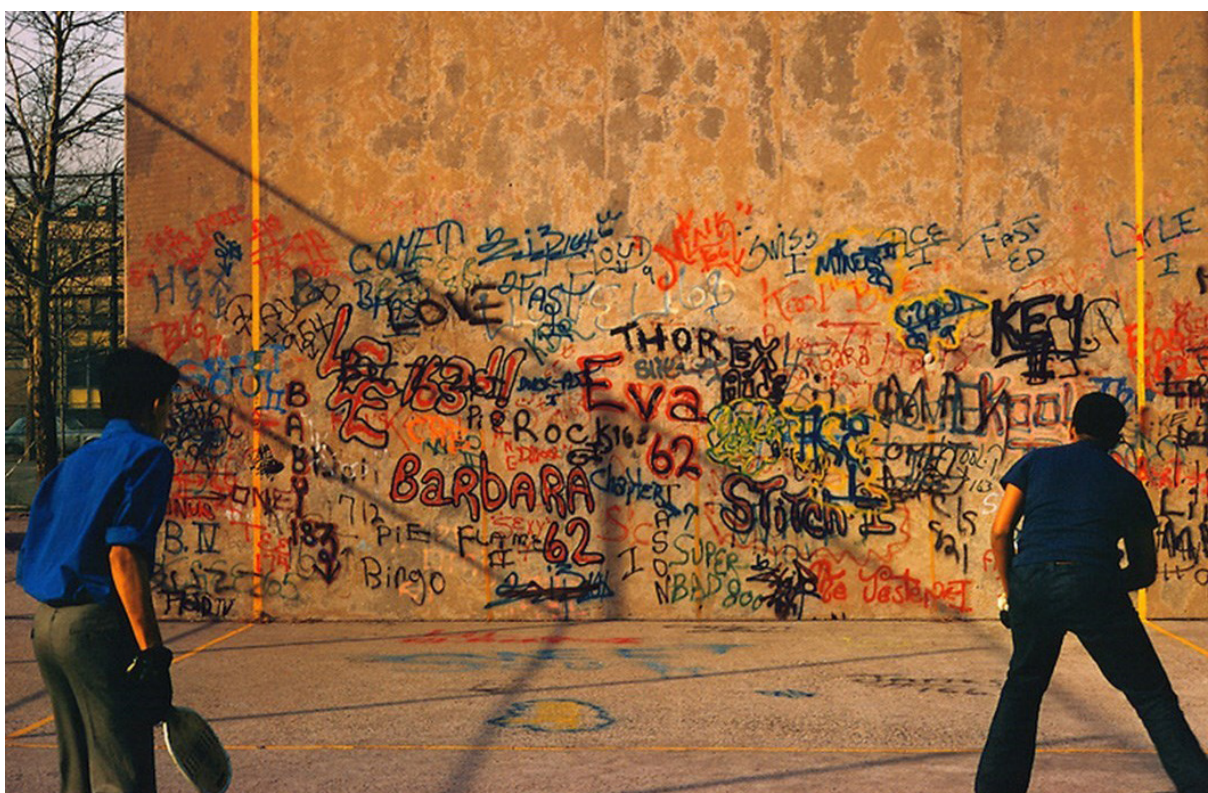


Figura 3 - Nova York 1974, foto por Jon Naar

Nesse contexto norte-americano, podemos dizer que os jovens de classe social mais baixa e de bairros mais pobres criaram essa forma de interagir e de se apropriar do espaço público, com seus *tags* e rabiscos. Atitude que mostrava a vontade de serem percebidos e notados e de certa forma pertencerem ao local. Estas ações, apesar de frequentemente serem feitas em grupo, eram sobretudo de caráter individualista. A demarcação de espaço, a fim de gerar controle, fortalecia ainda mais a identidade individual de cada artista. O *graffiti*, então, estabelecia-se como algo moderno, novo, e ensejava a intenção de individualidade de cada praticante. Emergia a novavoz da periferia nova iorquina. Não tardaria para a atividade ser transformada em valor de mercado, entrando em galerias e mercados de arte.

2.4 O boom do graffiti

O boom do graffiti durante a década de 1980 é pensado, substancialmente, como um fenômeno contracultural, ocorrido nos metrô e ruas nova-iorquinas. Nascido em Nova York em 1960, Jean-Michel Basquiat começou inscrevendo SAMO© em edifícios na localidade de Lower Manhattan no ano de 1976.



Figura 4 - tag de Basquiat com as inscrições SAMO, em NY

A marca estampada por Basquiat havia surgido de uma conversa enquanto estava sob efeito de maconha com seu amigo e colaborador Al Diaz, dizendo que fumavam “sempre a mesma merda” (tradução livre de SAMO), e, adiante, evoluiu para frases mais poéticas. Foi em 1979, após uma desavença com Diaz, que Basquiat começou a escrever “SAMO IS DEAD” afirmando o final desse movimento. Na década de 80 seu trabalho passou a ser reconhecido e levado à galerias e exposições pelo mundo afora. No entanto, independentemente da sua localização, seja na rua ou na galeria, a arte de Basquiat continuou a questionar e criticar sistemas e estruturas sociais de poder. O crítico de arte Jeffrey Deitch descreve a obra de Basquiat como “poesia rua desconexa.” Basquiat segue sendo um grande referência para meu trabalho e inspiração artística.

3 Street Art x Graffiti

A cultura do *graffiti* ganhava cada vez mais força e novos adeptos no continente Norte Americano. Ao passo que consolidava-se, o *graffiti* foi decupado em filmes, revistas, livros e reportagens, não tardando a chegar à Europa, onde teve profundas mudanças em sua forma de se expressar. “Talvez os Europeus estivessem atrás dos americanos em relação ao estilo, no entanto conceitualmente eles estavam levando as coisas para direções completamente novas” (Lewisohn, 2008).



Figura 5 - Street art

A arte de Basquiat passou a ter um comportamento e uma preocupação estética mais acentuada e diferente da proposta no outro lado do Atlântico. Os europeus não se limitavam ao uso de tinta *spray* e marcador para propagar em massa os mesmos nomes e frases, faziam da experimentação sua principal técnica; utilizando-se de colagens, *stencils*, esculturas e instalações conseguiram romper então com o clássico do *graffiti*, marcando o início da chamada *Street Art*, a quase refere à manifestações artísticas desenvolvidas no espaço público, distinguindo-se da manifestações de caráter institucional ou empresarial, bem como do mero vandalismo.

4 Galeria x Graffiti

Se a chegada do *graffiti* como nova linguagem artística causou furor na Europa, o mesmo pode-se dizer da influência do cenário europeu na arte ainda considerada marginal. Palco da insurgência de grandes vanguardas, foi lá que o graffiti realizou suas primeiras mostras em galerias de arte tradicionais, ganhando a notoriedade na mídia e no mercado que lhe faltava em sua terra natal. "... geralmente é aceito que, quando este gênero chegou à Europa, foi dado a ele um status mais elevado do que este tinha em terras americanas." (Lewisohn, 2008)

Atualmente, o graffiti alcançou um nível de reconhecimento notabilizado pelo número de intervenções que passaram a ilustrar cada vez mais as galerias de arte e centros culturais, sendo utilizados também enquanto cenografia, decoração e publicidade. Imprime-se, a partir de então, uma lógica de mercantilização dessa forma artística.

A valorização do graffiti pelo mercado publicitário e críticos de arte foi um fator decisivo, para que um número cada vez maior de grafiteiros brasileiros passasse a ver essa atividade como sua fonte de renda e profissionalização. (TARTAGLIA, 2010)

Em um processo de reconhecimento e legitimação, o graffiti, ao passar dos anos, vem deixando de ser marginal e ganhando espaços em centros culturais e galerias

A primeira grande exposição de graffiti foi realizada em 1975, no Artist's Space, de Nova York. Mas a consagração do graffiti veio com a mostra New York/New Wave, em 1981, no PS1, um dos principais espaços de vanguarda de Nova York... Posteriormente, Keith Haring, grafiteiro do metrô nova-iorquino, tornou-se um dos artistas mais conhecidos dos anos 80 por levar o graffiti, que antes era exclusivamente das ruas, becos e guetos, para o convívio de galerias, museus e bienais. (GITAHY, 1999, p.36)



Figura 6 - Keith Haring desenhando em estações de metrô de NY - 1983

de arte. Na minha opinião, entretanto, o graffiti só existe quando executado na rua, de forma legal ou ilegal. No momento em que se apropria de uma galeria, deixa de ser graffiti. Ainda que as técnicas continuem as mesmas, como o uso de spray em tela/madeira, o que se diferencia é o propósito.



Figura 7 - Montana Galeria Shop Barcelona, exposição do artista ARYZ

5 Expografia

O termo Expografia foi proposto em 1993, e se refere à colocação em exposição de tudo aquilo que diz respeito à ambientação. Segundo Desvallées, ele visa a pesquisa de uma linguagem e de uma expressão fiel para traduzir o programa científico de uma exposição.

Os componentes que estruturam uma exposição são relevantes para a sua construção. As paredes, os painéis, a iluminação e o orçamento disponível são determinantes no resultado final.

Elementos estruturados da expografia como linguagem representando a mediação entre pesquisa, o museu, o patrimônio cultural e o público (CURY, 2006)

Para Cury(2006), o processo se divide em etapas no design de exposições;

- Fase de Planejamento e de Ideia (Conceito, suporte material, estratégias e recursos)
- Fase de Design (forma, percurso, projeto expográfico e museológico)
- Fase de Elaboração Técnica (plano técnico, mobiliário, especificações técnicas)
- Fase de Montagem (instalação)
- Fase de Manutenção, Atualização e Avaliação (necessidades comunicacionais)

5.1 recursos expositivos

- Recursos sensoriais
- Textos
- Legendas
- Ilustrações
- Arquitetura e sistema de iluminação
- Segurança e conservação do acervo
- Vitrines e mobiliários

6 Desenvolvimento

6.1 Exposição Sobre o Infinito e outras coisas

Este capítulo tem por finalidade apresentar, a exposição Sobre o Infinito e outras coisas, mostrando seu desenvolvimento, com a aplicação de teorias e técnicas apresentadas nos capítulos anteriores.

6.2 Conhecendo o Infinito

De acordo com o dicionário Michaelis, a palavra Infinito tem a seguinte definição:
in.fi.ni.to

adj (lat infinitu) 1 Que não é finito, que não tem limites, nem medida. 2 Sem fim, eterno. 3 Muito grande em extensão, em duração, em intensidade. 4 Inumerável.

Partindo do pressuposto de que o infinito é um espaço intangível, incontável, imensurável, proponho colocar meus personagens em formas de animais, navegando nesse mar infindo, atribuindo a esses, características humanas, a fim de trazer à tona uma animalização do ser humano em forma de imagens e cores.

Sob essa perspectiva, o conceito da exposição se estabelece conforme o texto apresentado em seu release:

Seja enquanto conceito, adjetivo ou própria substância, pode-se considerar o infinito também infindável dentro de sua própria gama de significados: incontável, imensurável, impreciso ou apenas perdido em distância e vacuidade.

Infinito também é o enredo de características animais que encontramos em nós mesmos, ainda que sobrepostas pela tentativa constante de ocultarmos tudo aquilo que guardamos de selvagem. A escolha dos animais retratando condições tipicamente humanas busca, justamente, resgatar esses instintos ainda latentes.

A obra encontra na madeira seu suporte ideal: à medida em que o tempo passa, deixa suas marcas impressas em casca e carne. Acumulam-se cicatrizes e rachaduras, que interferem, assim como o próprio tempo, direta e imprevisivelmente em cada uma das pinturas. Na mostra são apresentados trabalhos desenvolvidos em técnica mista sobre suporte de madeira.

A exposição “Sobre o Infinito e outras coisas” foi realizada no Sesc da 504 Sul, entre os dias 08 e 30 de junho de 2015, na cidade de Brasília.

Sua idealização se deu a partir do convite feito pelo técnico de cultura do Sesc DF, Marco Antonio, ao visitar minha primeira exposição solo em Brasília, intitulada Apoteose, a qual ocorreu em dezembro de 2014.

6.3 Espaço expositivo

A seguir, faz-se uma descrição do espaço o qual abrigou a exposição Sobre o Infinito e outras coisas e do seu projeto expográfico.



Figura 8 - Espaço Sesc 504 Sul

Ao entrar pela primeira vez no espaço expositivo da galeria do Sesc, todas as obras expostas, por volta de 30, estavam sobre cavaletes de madeira, gerando um caos entre espaço, obra e conforto visual. Logo em seguida veio outra exposição, cujo os trabalhos já não estavam sobre cavaletes, nem fixados à parede, mas suspensos por fio de nylon. Marco me explicou que as paredes da galeria não poderiam ser furadas, dada a alta rotatividade de exposição durante o ano. A solução, portanto, seguia sempre o mesmo modelo de encontrada cavaletes, fios de nylon para sustentar obras mais leves e paredes expositoras móveis.



Figura 9 - Espaço Sesc 504 Sul, obras suspensas por fios de nylon e fixadas em biombos móveis com fita adesiva

Ao explicar todas as minhas ideias de intervenção sobre a parede, partindo da parede enquanto suporte principal do *graffiti*, e da minha intenção de pintar e interferir na superfície. A solução foi a fixação de placas de MDF sobre a parede, as quais garantiram total liberdade para que eu desenvolvesse meu trabalho sem comprometer a estrutura física da galeria.

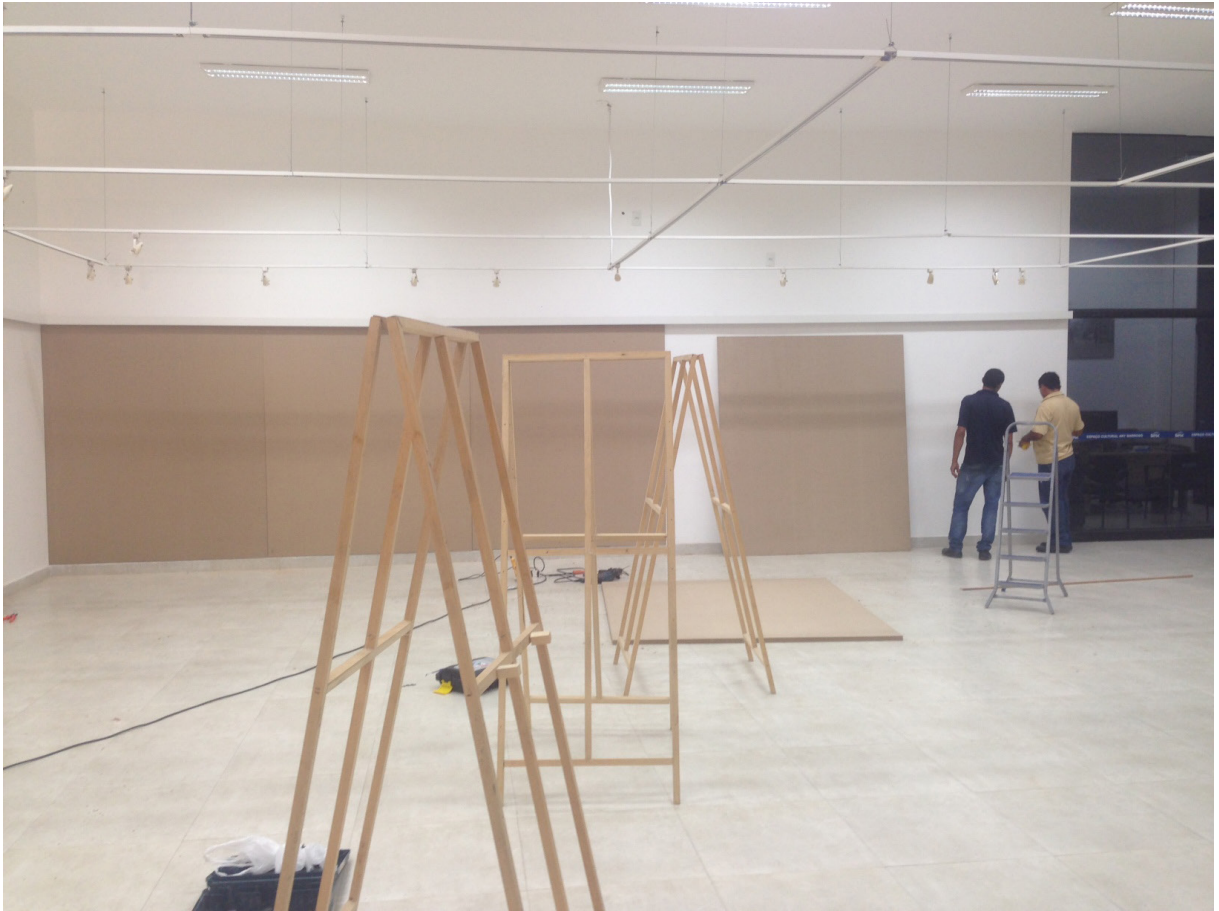


Figura 10 - Espaço Sesc 504 Sul, fixação das placas de MDF na parede



Figura 11 - Espaço Sesc 504 Sul, fixação das placas de MDF na parede

6.4 Montagem I

Optei por não usar as paredes expositoras móveis como suporte para as obras, pois um dos objetivos da exposição era a criação de um espaço no qual o visitante se visse envolvido. Aproveitei esses três módulos de paredes expositoras móveis e construí a Sala do Infinito, a qual o expectador pudesse entrar e imergir no conceito proposto. A ambientação da sala foi feita tanto externamente quanto internamente.



Figura 12 - Espaço Sesc 504 Sul, painéis de exposição móveis, contendo as medidas de 2,20x1,60m

Externamente, a sala foi pintada de preto, em um lado com palavras e frases caligrafadas, remetendo ao conceito, e no outro lado ilustrada com um personagem engarrafado.

Dentro da sala, optei pela instalação de um sistema elétrico com três lâmpadas negras, já que a pintura interna seria realizada com tinta *spray* fluorescente. Nas paredes illustrei personagens e pequenas frases que aproximavam o expectador da parede, com o intuito de despertar neste a intenção de desvendá-las e buscar outras frases. Todo o chão foi forrado com um tecido negro e pintado da mesma maneira, tal qual o teto.

Procurei também trabalhar com a parte sensitiva da audição, instalando uma caixa de som com uma *playlist* de músicas tocando, o que fazia com que o visitante se isolasse completamente do mundo exterior, atingindo, então, os sentidos da visão, audição e tato.



Figura 13 - Montagem da Sala do Infinito



Figura 14 - Pintura externa da Sala do Infinito



Figura 15 - Pintura externa finalizada da Sala do Infinito



Figura 16 - Pintura externa finalizada da Sala do Infinito



Figura 17 - Pintura interna finalizada da Sala do Infinito

6.4.1 Montagem II

Antes de começar a produzir as obras para a exposição, fiz uma planta do espaço, de forma a poder planejar o arranjo espacial das obras e quantidade que produziria. Foi importante esse processo, pois serviu como guia de orientação espacial das obras e também de produção, fazendo uma comparação da pré e da pós produção, sobretudo pelo número de obras ter superado a expectativa desejada. Vale ressaltar que o processo servia apenas como guia e não como algo rígido, já que, no decorrer da montagem, várias ideias foram inseridas enquanto outras foram excluídas.

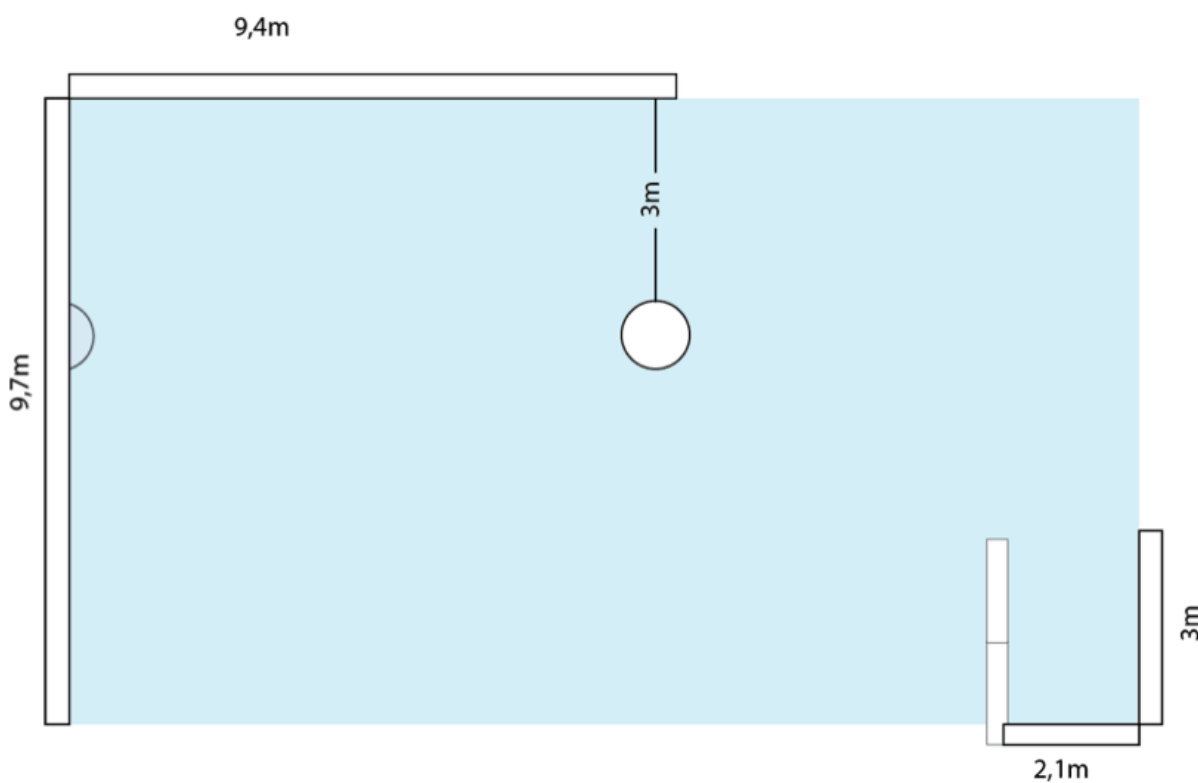


Figura 18 - Vista aérea do espaço Sesc 504 sul

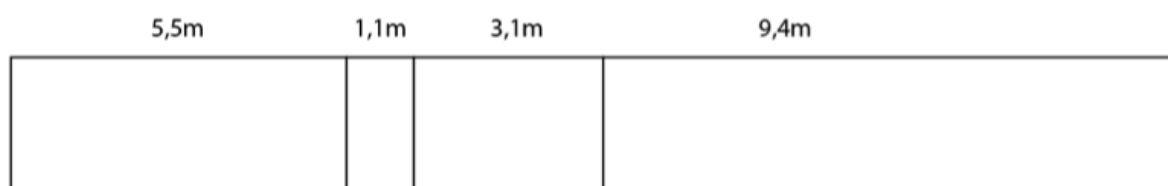


Figura 19 - Vista planificada do espaço Sesc 504 sul

Tendo 19,1 metros de parede, após a fixação das placas de MDF, o primeiro passo foi a pintura da base, com um galão de 18L de tinta preta. Foram necessário três mãos de tinta para garantir homogeneidade da cor na parede. Em seguida, com o auxílio de um nível laser, pude fixar as obras na parede.



Figura 20 - Pintura interna da galeria

Com as obras já devidamente posicionadas na parede, pude avaliar onde entrariam os elementos secundários na ambientação da parede. Com tinta acrílica e *spray* à base d'água, comecei a desenvolver elementos que, ora pareciam galhos e raízes, ora se assemelhavam a veias e artérias, por meio das cores vinho e azul. Junto às pinturas, a fixação de galhos secos fez parte da ambientação do espaço.

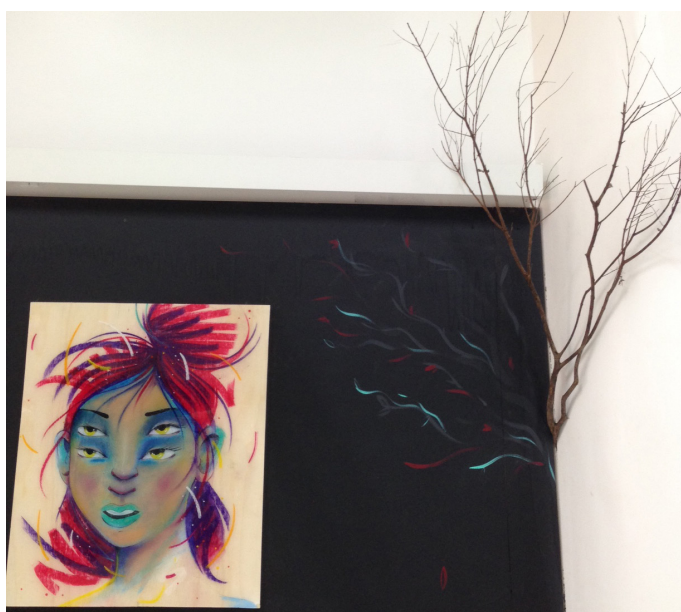


Figura 21 - Ambientação da galeria

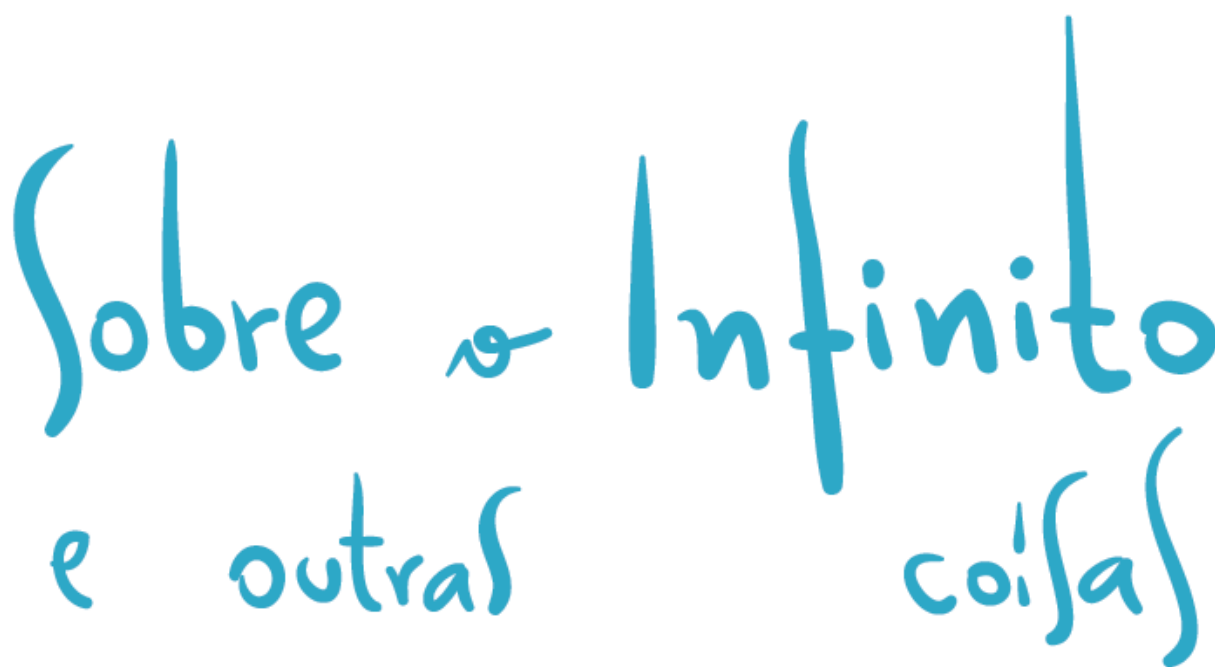
7 Elementos gráficos

Para auxiliar a comunicação visual e conceitual da exposição, foram pensados e elaborados diversos materiais de divulgação: cartazes, postais, catálogo, estampa de camiseta, além da aplicação de texto em vinil na parede e nas legendas da galeria.

Todo projeto gráfico de comunicação pode ser relacionado ao conteúdo exposto, assegurando a compreensão do projeto como um todo.

7.1 Identidade Visual

Para ilustrar o nome da exposição, foram geradas várias alternativas, o intuito era não usar uma fonte pré pronta e sim trabalhar com um *lettering* mais orgânico que conversasse também com as obras e com o conceito, para tal foram realizados esboços no papel, em seguida, alguns dos esboços foram digitalizados e feitos diretamente com o auxílio da tablet no computador. Optei pela escolha de um letrismo específico para guiar o projeto de identidade visual, já que também se



Sobre o Infinito
e outras coisas

Figura 22 - Lettering da identidade visual

7.2 Catálogo

Para a realização do catálogo, tive o auxílio da amiga Ana Cecília Schettino. No processo de produção foram tomadas fotos individuais de cada obra, assim como as medidas e preços para a legenda. auxiliando na informação do catálogo.

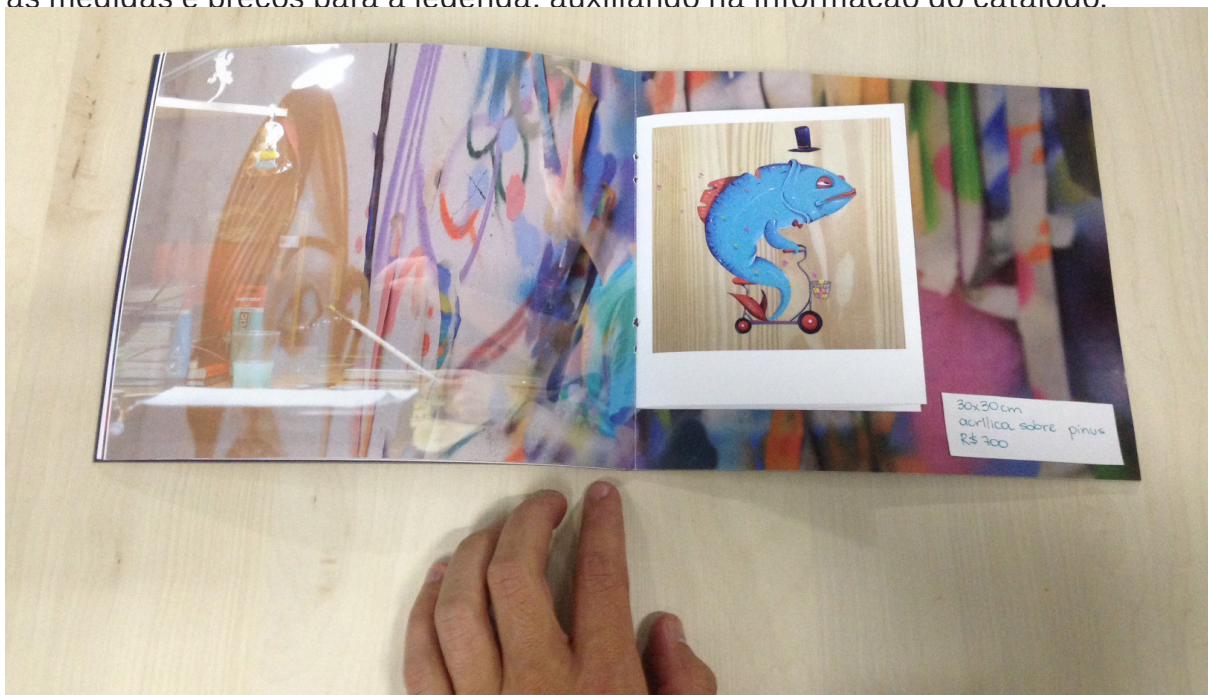


Figura 23 - Catálogo



Figura 24 - Catálogo

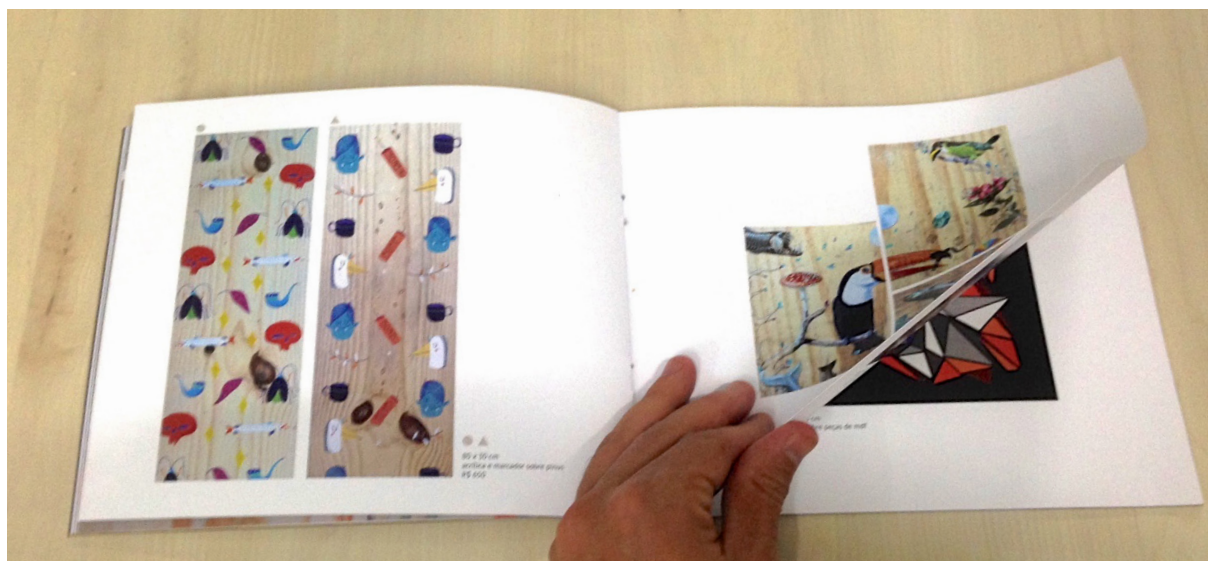


Figura 25 - Catálogo

7.3 Camiseta e cartaz

Elementos auxiliares, como camisetas e cartazes, foram desenvolvidos para a abertura da exposição, funcionaram como produtos na forma de comercialização.



Figura 26 - Estampa criada e aplicada para camiseta



Figura 27 - Cartazes à venda durante a abertura da exposição

7.4 Postal

Acho importante, sempre que vou à uma mostra ou *show*, ter uma recordação, seja em fotos, ou em *flyer*/postal, que são distribuídos previamente ou na hora do acontecimento. Para a exposição foram produzidos 2 tipos diferentes de postal, com a tiragem de 500 unidades cada.

O conteúdo de cada postal traz, na parte da frente, uma obra, e na de trás, o *release* e as informações da exposição. Os postais ficaram à disposição do público durante o período da exposição.



Figura 28 - Modelos dos postais desenvolvidos para a exposição

7.5 Divulgação online e offline

A divulgação da exposição contou com intensa difusão online através de redes sociais e jornais *web* e, um pouco mais branda, nos meios de comunicação impressa, como jornais e revistas. Tive o apoio do amigo Guilherme Tavares que trabalha com serviços de comunicação.

Foram mais de 40 *sites* disitintos divulgando a exposição, além de entrevistas com os jornais Correio Braziliense, Aqui DF, com a revista Fecomércio e com o programa Bom Dia DF da TV Globo. A partir destes grandes veículos de comunicação, meu trabalho conseguiu atingir, de forma positiva, um público não destinado ao graffiti e às artes em geral, o que se traduziu em mais divulgação nas redes sociais.



Figura 29 - Compilação de notícias destacando a exposição

CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, SEGUNDA-FEIRA, 1º DE JUNHO DE 2011

MONITORIA RBR - SUPERSPORTS - R\$ 1,70

Altos e baixos na gangorra do Brasileirão

A quarta rodada demonstra um campeonato atípico, com o G-4 ocupado por equipes de orçamento modesto. Enquanto isso, três times tradicionais — o bicampeão Cruzeiro, o Flamengo e o Vasco — estão enrocados na zona de rebaixamento. No Maracanã, os tricolores do Flu (foto) bateram os rubro-negros por 3 x 2. SUPERSPORTS, CAPA E 4



Tabela

Classificação	Equipe
1ª	Atlético-PR
2ª	Sport
3ª	Paraná
4ª	Goias

Classificação	Equipe
17ª	Vasco
18ª	Flamengo
19ª	Cruzeiro
20ª	Botafogo

Dirigente diz ter pago por Copa de 2010

SUPERSPORTS, 5

Surfe e sumô nos Jogos Olímpicos?

SUPERSPORTS, 6

EXPOSIÇÃO

Arte urbana e sustentável

REBECA OLIVEIRA

Numa tarde de outono em Brasília, uma goiabeira é cortada nos arredores da UnB. A cena coreográfica poderia ser comum se os restos daquela poda não tivessem se transformado em arte. Usando as madeiras descartadas como suporte, o artista multimídia Thales Fernando, mais conhecido como Pomb, desenvolveu uma série de pinturas e colagens que serão expostas no Sesc da 504 Sul. *Sobre o infinito e outras coisas* começa na próxima segunda-feira com vernissage, discotecagem e encontro de food trucks.

Uma prova de que nem só de latas de spray e de tintas látex vive o artista urbano, que cursa o último semestre de design industrial e é conhecido pelos painéis com explosões de

SOBRE O INFINITO E OUTRAS COISAS

Exposição de Thales Fernando Espaço Cultural, Aníbal Bentes (Sesc da 504 Sul) Abertura: 8 de junho, às 19h. Até: 30 de junho. Aberta à visitação, de segunda a sexta, das 8h às 19h. Entrada franca. Mais informações: 3217-9119

www.correio braziliense.com.br
Veja galeria com obras de exposição

cores espalhados nas paredes do DF. Na segunda exposição individual, Pomb investe em propostas que dão um ressignificado à carreira, iniciada há 13 anos. Além das goiabeiras recolhidas na UnB, o artista utiliza troncos de castanheira e compensados pinus, materiais

reciclados que, para ele, carregam elevado valor artístico.

"Diferente de uma tela ou de uma parede em branco, a madeira tem veios. É uma superfície que conversa com a pintura. Fiz desenhos mecenares para que eles também ficassem em evidência", explica. Resinas recobrem os desenhos e dão acabamento às obras.

Nas colagens que compõem a mostra, recortes de enciclopédias encontrados em latas de lino em Barcelona reforçam o interesse de Pomb em evocar conceitos sustentáveis. "Pode soar clichê, mas em um mundo onde há tamanho consumismo exacerbado, precisamos seguir uma corrente contrária, nos reinventar diariamente", acredita.

Nascido em 21 de abril, data em que Brasília também completa aniversário, Pomb dedicou

metade da vida ao grafite. "Lá morei e grafitei em Buenos Aires e em Barcelona, mas aqui, quando pintamos, os painéis vibram mais", acredita. "A cidade está mais

inquieta, e fico feliz em acompanhar o crescimento nos coletivos não somente de arte, mas também de música e dança", afirma. Aos poucos, ele tem incluído

novos elementos às criações: também faz silogravuras, serifa e, recentemente, emprestou traços a uma linha de camisetas com uma marca gônia.



Pomb propõe o casamento entre arte urbana e madeira reciclada em exposição no Sesc

Figura 30 - Correio Braziliense com matéria sobre a exposição



Figura 31 - Entrevista no Bom dia DF, transmitido pela Rede TV Globo

8 Processo de desenvolvimento das obras

Como comentado anteriormente, não foi seguida uma metodologia específica para a produção do trabalho, tendo cada obra tem um sentido particular, e suas concepções particulares, vários fatores de influência externa, como músicas, filmes, conversas e outras inspirações.

No início da produção, não tinha as 36 obras previamente elaboradas na cabeça, foi um processo único, com muita pesquisa de referências, e resgate de desenhos antigos em cadernos pessoais.

Criei um diário de bordo, no qual fazia anotações diárias de produção, e de fatores que interferiam de forma positiva ou negativa na elaboração da exposição.

O primeiro quadro foi pintado dia 22 de abril e o último no dia 31 de maio, totalizando 40 dias de produção intensa dentro do ateliê, restando exatamente uma semana para a montagem do espaço expositivo.

Processo comum à grande parte das obras é mostrado a seguir em fotos: primeiramente fazia um esboço digital do desenho - optei pelo formato digital pela praticidade de poder acertar proporções e erros facilmente com a ajuda da *tablet*. Em seguida, transpunha o rascunho para o suporte de madeira e iniciava a pintura manual, em média, cada quadro destes levava de 3 a 4 horas para ser finalizado.

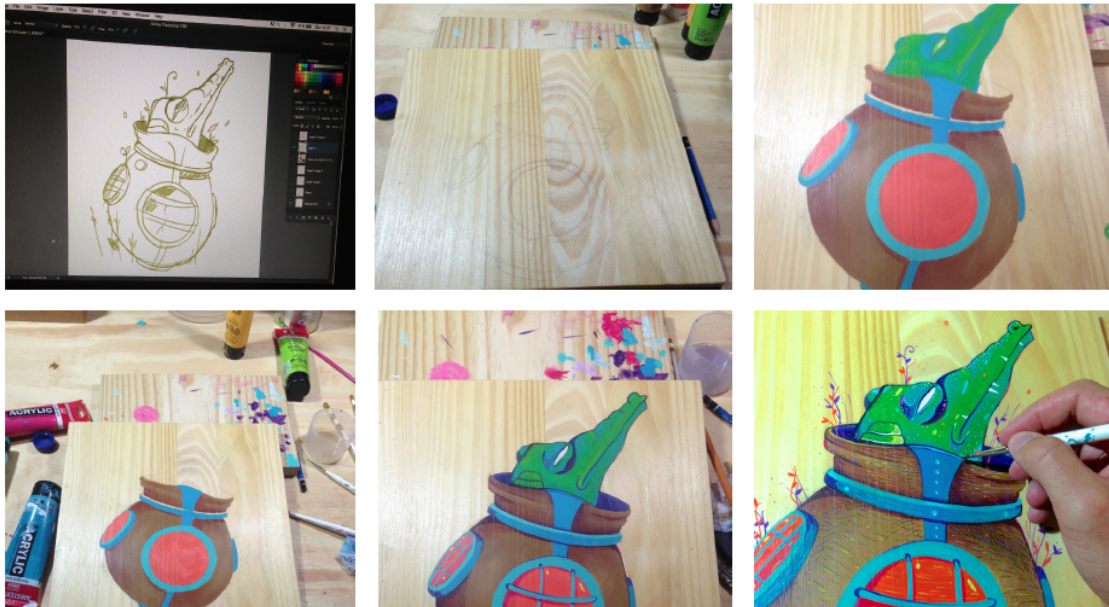


Figura 32 - Processo de desenvolvimento de um trabalho



Figura 33 - Acrílica e marcador sobre corte de madeira Pinus



Figura 34 - Troncos de goiabeira pré e pós produção

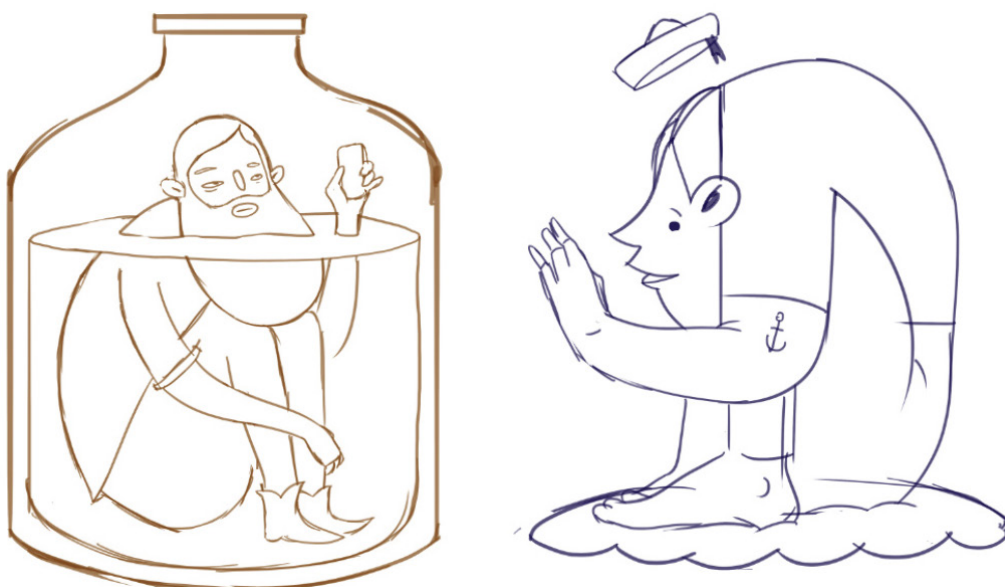


Figura 35 - Rascunho de futuras obras



Figura 36 - acrílica sobre troncos de castanheira

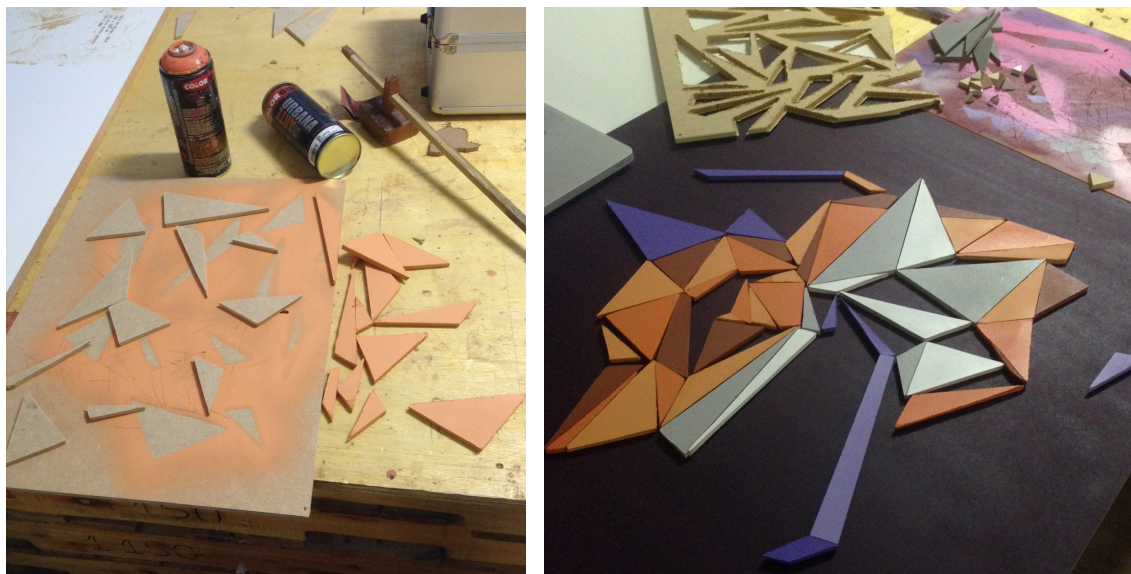


Figura 37 - Cortes em MDF e processo de pintura e montagem



Figura 38 - Trabalho finalizado

8.1 Obras

Foram no total 36 obras, divididas em 6 séries de tamanhos e técnicas utilizadas.



Figura 39 - série dos troncos de castanheira



Figura 40 - série de 8 pinturas, acrílica sobre madeira Pinus

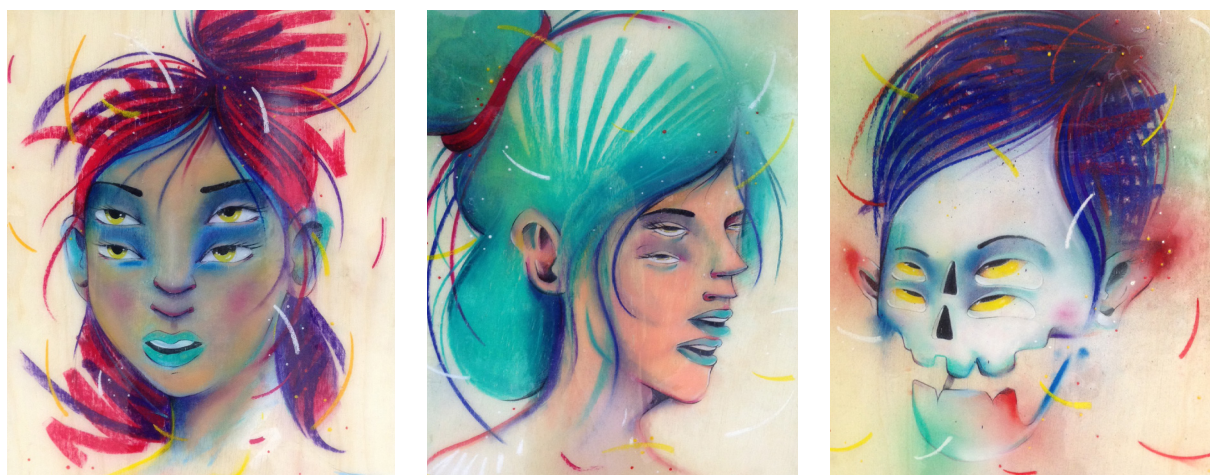


Figura 41 - série de 3 pinturas, pastel seco e marcador sobre compensado

8.2 Vídeo

Para mostrar um pouco da produção das obras, funcionando também como registro e ação de *teaser*, convidei as amigas do Estúdio Cajuína para produzirem um vídeo. Foram filmados em dois dias distintos, 5 e 20 de maio, justamente no ápice da produção. O vídeo foi divulgado via facebook no dia 3 de Junho, como ação promocional da exposição; no total foram mais de 30 compartilhamentos e 3.000 reproduções, foi um elemento de muita importância, já que teve um alcance acima do esperado e também por relatar o *making off* de produção dos trabalhos da exposição.

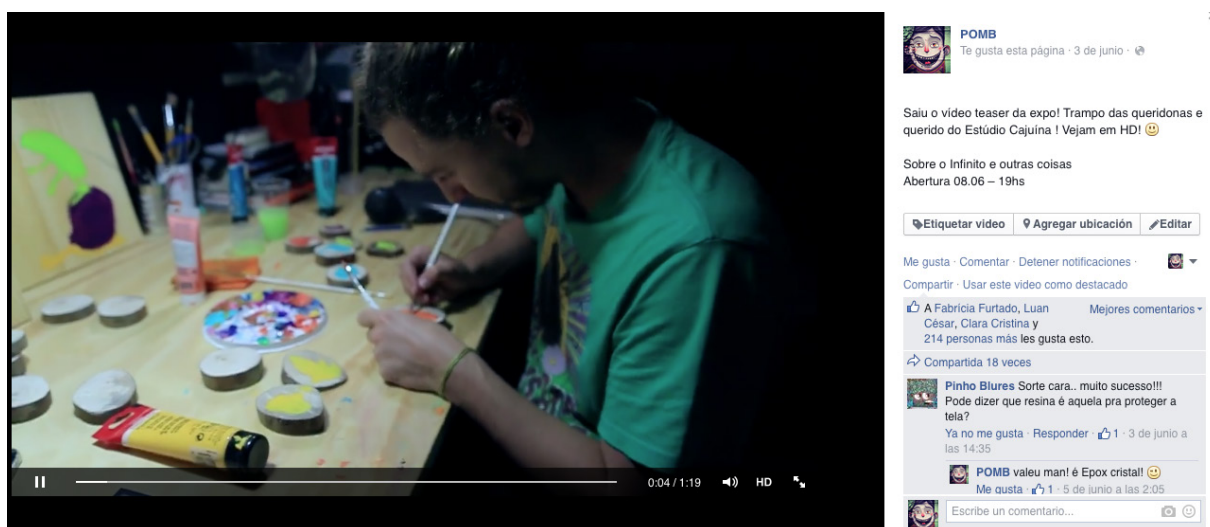


Figura 42 - Página do facebook onde foi publicado o vídeo

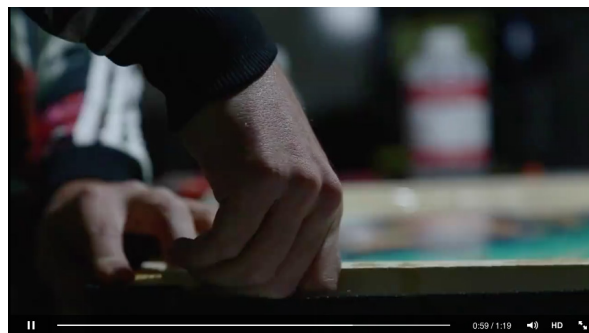
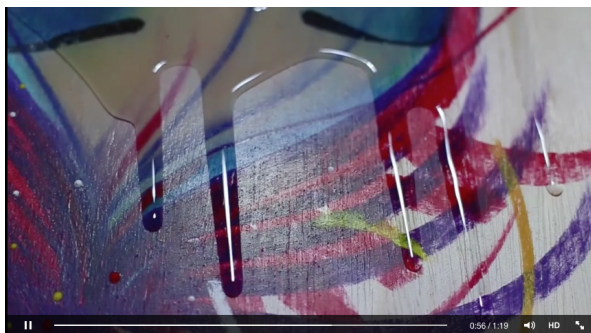


Figura 43 - Fotos de parte do vídeo

Conclusão

O *graffiti* nasceu fora das galerias, longe de espaços elitizados, em becos, esgotos, muros e metrô, e, sem pedir permissão, tomou conta das cidades. Enquanto fenômeno, teve todos os níveis de exportação, atingindo museus, galerias de arte e fachadas de prédios. E é um fenômeno já parte da nossa sociedade, O *graffiti*, cada vez mais, deixa de ser algo marginal e vem se apropriando de outros espaços.

Nesta pesquisa, foram apresentadas informações acerca do desenvolvimento histórico da atividade do *graffiti*, cujo intuito não é abordar a fundo as relações sócio-culturais do fenômeno, mas situar o leitor sobre o início e o desdobramento dessa recente e complexa manifestação artística.

Em seguida, o estudo sobre a organização espacial e os recursos expográficos, visa abordar a forma utilizada para montar uma exposição, e a estratégia para atingir o público com a comunicação visual.

Por fim, o objeto de estudo é apresentado; a exposição Sobre o Infinito e outras coisas, ao longo desses específicos 47 dias de preparação e montagem, tive um aprendizado de grande valor, e posso afirmar que quanto mais se estrutura um projeto com calendário e metas a cumprir, melhor o seu resultado. Claro que nem tudo pode ser programado, e algumas situações têm de ser contornadas na hora, isso faz parte do processo e do desenvolvimento do trabalho, resultando as vezes em algo melhor que se havia pensado previamente, casos da serendipidade.

Durante os dias de visitação, por ser em um local muito acessível, a exposição contou com mais de cem visitantes diários, incluindo os que iam de forma premeditada, ou por estarem no Sesc com atividades paralelas, acabavam por visitar a exposição. Resultados obtidos a partir de comentários e fotos em redes sociais, e também pelo registro feito no caderno de assinaturas que ficou disponível durante a exposição.

Desta maneira, percebe-se que Sobre o Infinito e outras coisas atingiu os resultados

esperados: o espaço montado e as obras atingiram e maravilharam os visitantes. Os recursos de comunicação *online* e *offline* também foram eficientes, atraindo público e movimentando a cena local da cidade de exposições.

Por fim, considero que haver realizado essa exposição com uma preocupação prévia a respeito do espaço expositivo foi relevante para o resultado final e para o meu entendimento como artista. Sempre soube, e agora posso ratificar, que o design é uma peça fundamental em meu trabalho, um aliado à quem sempre irei recorrer. E também é importante se deixar levar pelo momento e não ser tão metódico em etapas e calendários, é preciso encontrar o balanço ideal para que seu trabalho flua e se desenvolva, isso é próprio de cada artista e/ou designer. O importante é sempre estar produzindo e acrescentando para a cena local, seja de graffiti, teatro ou música.

Fico muito feliz em fazer parte dessa nova Brasília, a Brasília criativa, com coletivos e apropriação do espaço público, é um pouco do cerne do *graffiti* que vem se incorporando no nosso quadradinho.

Espero que este estudo contribua para o campo do design gráfico, das artes visuais e da museologia, disciplinas que são complementares na organização espacial e comunicativa de projetos expositivos.

Referência Bibliográfica

EMMERLING, Leonhard. Jean-Michel Basquiat – 1960 - 1988. Nova Iorque: Editora Taschen, 2005.

Ed. JULIUS WIEDEMANN. Logo Design Volume 2. Taschen, 2009

NEWTON CESAR. Direção de arte em propaganda. 10ª edição. Editora Senac – Distrito Federal

FELISBRET, Eric. Graffiti New York. New York: Harry N Abrams Inc., 2009.

GANZ, Nicholas. Mundo do Grafite: Arte Urbana dos Cinco Continentes. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

WALDE, Claudia. Street Fonts. Londres: Thames & Hudson, 2011.

DESIGN MUSEUM. Como criar em Tipografia. Trad. Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2011.

MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION. Planejamento de Exposições. Trad. Maria Luiza Pacheco Fernandes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Vitae, 2001.

SATURNINO, Douglas. Comunicação visual e expografia - Um estudo de caso da exposição Audiophyllia. Trabalho de Conclusão de Curso. Cachoeira - BA, UFRB, 2014.

SILVA, Luisa Olinto do Valle. A exposição como encenação e a intermediação museológica. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

sobre o infinito

e outras coisas

Seja enquanto conceito, adjetivo ou própria substância, pode-se considerar o infinito também infindável dentro de sua própria gama de significados: incontável, imensurável, impreciso ou apenas perdido em distância e vagueidade.

Infinito é também o enredo de características animais que encontramos em nós mesmos, ainda que sobrepostas pela tentativa constante de ocultarmos tudo aquilo que guardamos de selvagem. A escolha dos animais retratando condições tipicamente humanas busca, justamente, resgatar esses instintos ainda latentes.

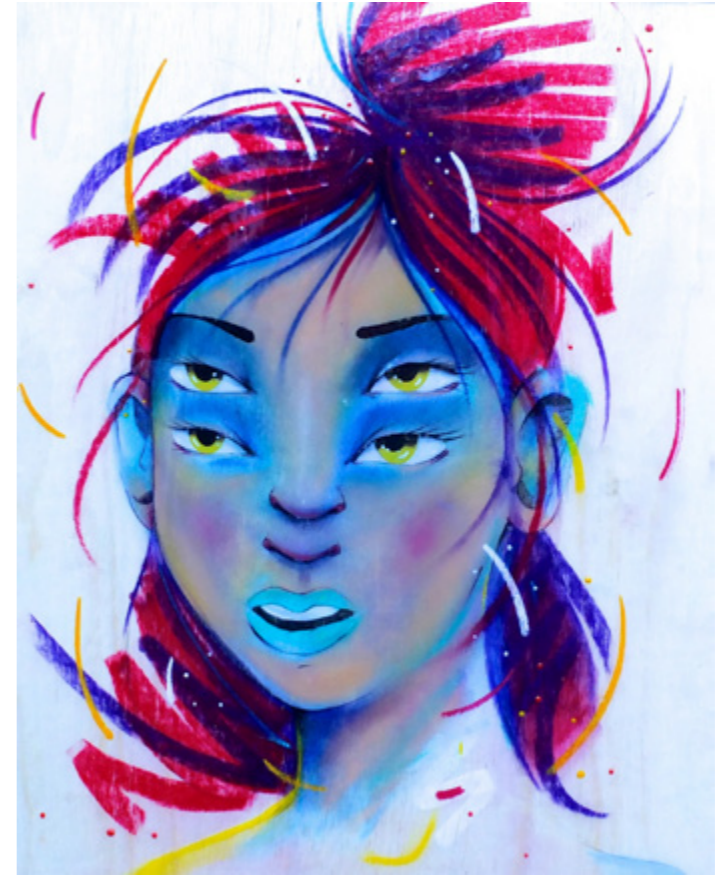
A obra encontra na madeira seu suporte ideal: à medida em que o tempo passa, deixa suas marcas impressas em casca e carne. Acumulam-se cicatrizes e rachaduras, que interferem, assim como o próprio tempo, direta e imprevisivelmente em cada uma das pinturas. Na mostra são apresentados trabalhos desenvolvidos em técnica mista sobre suporte de madeira.

Sobre o Infinito e outras coisas
08.06.2015 à 30.06.2015
Sesc 504 Sul – Brasília





35 cm de diâmetro
acrílico e marcador sobre tronco de castanheira
R\$ 1100



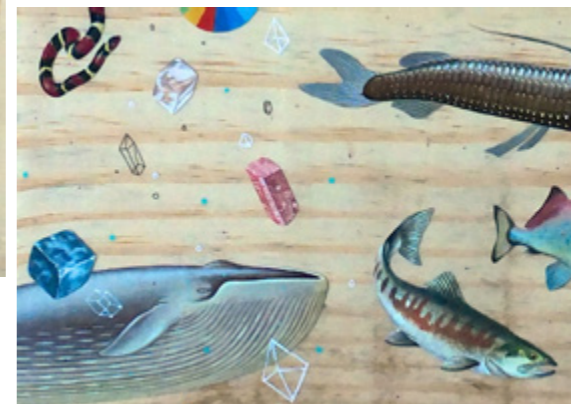
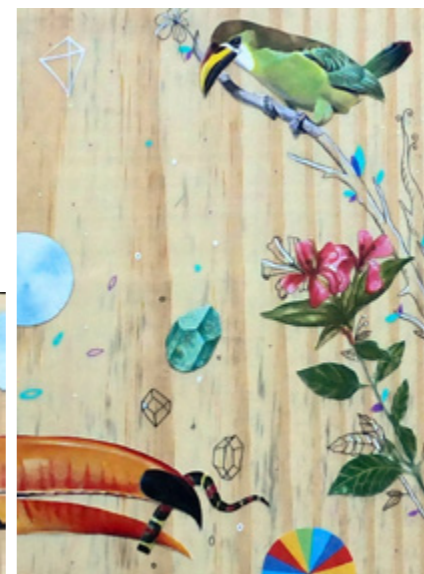


57 x 47 cm
pastel seco sobre compensado
com revestimento em resina
R\$ 900





● ▲
80 x 30 cm
acrílica e marcador sobre pinus
R\$ 650



três peças 10 x 15 cm
colagem e marcador sobre pinus
R\$ 500



60 x 30 cm
acrílica e marcador sobre pinus
R\$ 750



70 x 70 cm
spray sobre peças de mdf
R\$ 1200



30 x 30 cm
acrílico e marcador sobre troncos de goiabeira
revestimento em resina
R\$ 400 trio emoldurado



8 cm de diâmetro
acrílico e marcador sobre troncos de goiabeira
revestimento em resina
R\$ 75 cada peça

Aos 26 anos, **Thales Fernando – POMB** – é um artista e ilustrador autodidata. Sua primeira incursão nas artes foi através do grafite, em 2002, e esse segue como seu principal meio de expressão, com intervenções espalhadas por cidades brasileiras, além de Buenos Aires e Barcelona. Em 2014, realizou sua primeira exposição internacional, com pinturas em tela, na cidade de Barcelona, além da individual Apoteose, em Brasília. Em abril de 2015, o artista participou de coletiva de grafite em Goiânia, na Galeria UPoint, e em maio, abriu exposição Brasília sem Planos ao lado de convidados brasilienses, na galeria paulistana Luis Maluf.



Realização



Colaboração



Diagramação

Ana Cecília Schettino



















Sobre

e



Infinito



e outras

coisas

Sobre

e



Infinito



e outras

coisas

Sobre

e



Infinito



e outras

coisas